



Memórias feitas de sangue, suor e lágrimas

Em uma noite qualquer de setembro de 1940, Londres está às escuras. O blecaute na capital do Império Britânico é total e, ao longe, podem se ouvir as sirenes do alarme antiaéreo e a explosão das bombas que os caças da Luftwaffe de Herman Goering lançam sobre a cidade. No meio de toda esta confusão e medo, um homem trabalha incessantemente com sua equipe. De aparência ao mesmo tempo bonachona e severa, com seu inseparável charuto na ponta dos dedos, o primeiro-ministro Winston Churchill comanda de seu gabinete a resistência inglesa ao avanço germânico. Depois de tomar em pouquíssimo tempo praticamente toda a Europa, Adolf Hitler desencadeou a “Operação Leão-Marinho” - aquela que, na visão dos hierarcas do Führer e na dele, poria a Grã-Bretanha de joelhos e tornaria Berlim a capital de um mundo nazista. Mas Hitler não contava com a resistência e a tenacidade inglesas, personificadas em um homem - justamente Churchill. A partir da malograda invasão às ilhas, os alemães descobriram que a Inglaterra seria uma constante pedra em seus coturnos e o eixo de primazia militar na Segunda Guerra Mundial começou a girar lentamente, até a derrocada final do nazismo em 8 de maio de 1945.

Histórias de guerras como essa têm mexido com o imaginário popular ao longo dos séculos. Quando são, então, contadas por alguém que participou ativamente de seus desdobramentos, elas ganham mais em interesse e emoção. É exatamente isso o que acontece com *Memórias da Segunda Guerra Mundial*, recentemente lançado pela Nova Fronteira. Seu autor vivenciou de perto todos os dramas das batalhas, clamou praticamente sozinho contra o inimigo, foi um dos líderes incontestes da resistência e da vitória subsequente e, ao final da guerra, foi posto de lado pelo seu próprio povo: ninguém menos do que Winston Spencer Churchill, o verdadeiro Leão Inglês.

MARCELO ROLLEMBERG
é jornalista.

GUERRA EM SEIS VOLUMES

Por si só, o livro já traria interesse, devido às comemorações do cinquentenário do fim de uma guerra que mudou profundamente o perfil do mundo e da própria compreensão do ser humano quanto à sua realidade. Mas ao ser escrito por Churchill, ele ganha um tom de dramaticidade e realismo que mesmo especialistas no assunto e eficazes historiadores, como os ingleses A. J. P. Taylor e Martin Gilbert, nunca poderiam imprimir em seus livros, por melhor que eles sejam, e isso faz toda a diferença. Além do mais, Churchill não foi só um grande político que resolveu, em um interregno de sua carreira, escrever memórias e lucrar com um tema que, nos anos 50 (quando as escreveu), ainda era efervescente. A história não é bem essa.

Na verdade, Churchill foi um político por vocação, mas um jornalista e escritor profissional. Além de ter sido correspondente de guerra e editor de periódicos londrinos, ele escreveu - antes de suas memórias de guerra - um punhado de bons livros, entre os quais a biografia em quatro volumes de um antepassado ilustre, John Churchill, primeiro Duque de Marlborough, e uma definitiva *História dos Povos de Língua Inglesa*. Isso sem se falar nos, ao mesmo tempo cerebrais e empolgantes, discursos que levantaram o moral inglês durante os períodos mais negros da guerra.

Originalmente, *As Memórias da Segunda Guerra Mundial* de Churchill foram escritas em seis alentados volumes. Esses livros chegaram a ser publicados no Brasil nos anos 50 e 60 pela falecida Companhia Editora Nacional (fundada por Monteiro Lobato), mas há pelo menos três décadas saíram de circulação, se tornando uma verdadeira "mosca branca" para os bibliófilos de plantão. Esta é mais uma ótima razão para esta edição condensada em um único volume de 1.144 páginas da obra de Churchill ser bem-vinda. Além do mais, é sempre bom lembrar que foram justamente essas memórias de guerra que levaram seu autor a ganhar o Nobel de Literatura em 1953 - por sinal, um prêmio mais do que merecido.

SANGUE, SUOR E LÁGRIMAS

A figura de Winston Churchill é das mais interessantes. Nascido em 1874, no auge da

era vitoriana, ele conseguiu a proeza de sevir a seis soberanos ingleses, da própria rainha Vitória até Elizabeth II, sempre com destaque. Foi condecorado como herói na Guerra dos Bôeres, ministro no gabinete de Lloyd George, durante a primeira Guerra Mundial e um dos primeiros a chamar a atenção para o perigo da ascensão de Hitler - isso na década de 30 - quando muitos políticos flertavam com o líder alemão e faziam vista grossa à sua sede de poder e expansionismo. Entre eles estava Neville Chamberlain, à época primeiro-ministro inglês, que chegou a assinar um ingênuo tratado de paz com a Alemanha, quando esta já estava prestes a iniciar sua ofensiva sobre a Polônia - o estopim do conflito. Para a maioria dos políticos ingleses, Churchill era um provecto senhor que merecia um silencioso respeito, mais nada.

Quando a guerra finalmente eclodiu, no entanto, ninguém pensou duas vezes: para assumir o lugar do tório Chamberlain, ninguém melhor do que um guerreiro. E, em todas as ilhas britânicas, poucos homens reuniam essas qualidades - aliadas a uma liderança inquestionável - como o velho Winston Churchill, já com 65 anos. A princípio, ele foi empossado no governo britânico como lorde do Almirantado (espécie de ministro da marinha) e, finalmente, como primeiro-ministro. Foi nessa condição que Churchill reavivou a alma bretã, inoculou em seus compatriotas o desejo da vitória a todo preço e, simplesmente, riscou de seu vocabulário a palavra "derrota". Mesmo nos momentos mais difíceis e agudos, quando a esperança parecia estar minguando, ele fazia questão de parecer jovial e seu otimismo na vitória está cristalizada na memória de todos que já viram alguma vez uma famosa foto do líder inglês: a mão levantada com o dedo indicador e médio formando um "V" representando a vitória que certamente chegaria.

Ao surgir o gabinete inglês, Churchill fez um de seus mais brilhantes discursos que simboliza toda a sua vida e seu trabalho.

Nele, o líder avisou seus compatriotas: "Nada tenho a prometer a não ser sangue, suor, trabalho e lágrimas". Na versão em português - como bem lembrou recentemente Paulo Francis em um artigo - a pala-

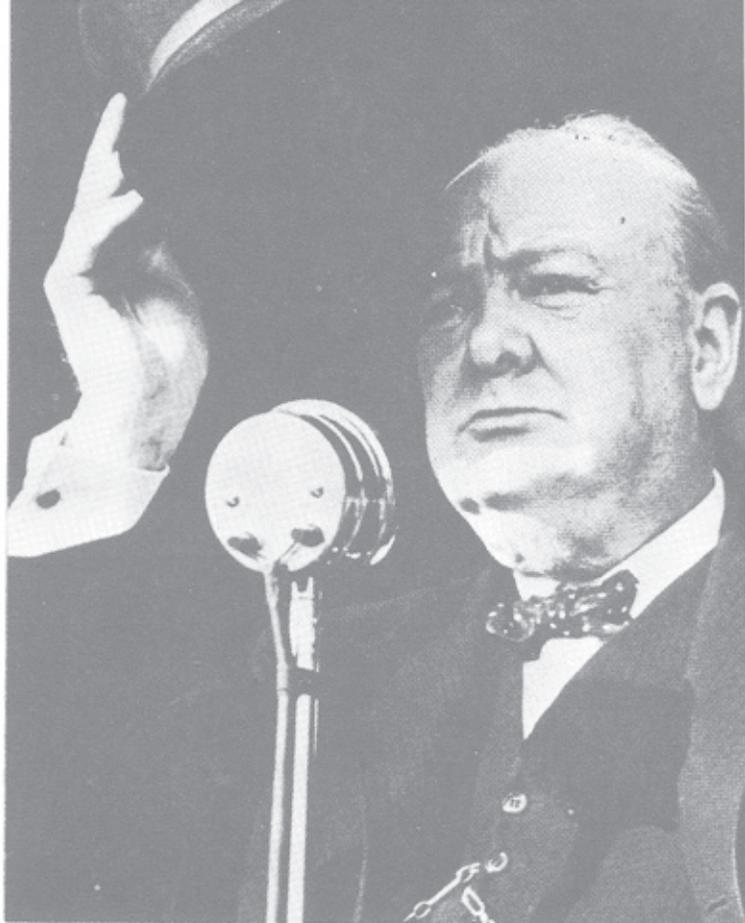
tra trabalho foi omitida. Mas em Downing Street, 10, a residência oficial dos primeiros-ministros ingleses, esta foi a palavra mais pronunciada durante a guerra.

O LADO OCULTO DA HISTÓRIA

Em seu livro, Churchill entra em pormenores sobre a guerra a que pouca gente teria acesso, caso não estivesse pessoalmente em alguma das reuniões de gabinete. Este lado oculto da história, mesmo sendo contado com elegância, torna o livro ainda mais interessante. Por exemplo: quando os japoneses atacaram Pearl Harbor, Churchill fez questão de telefonar para o presidente Franklin Roosevelt, se solidarizando. No íntimo, no entanto, o primeiro-ministro estava feliz. Há muito ele desejava que os Estados Unidos entrassem na guerra, mas nada parecia demover o presidente americano de sua idéia de neutralidade. O ataque nipônico colocou os americanos na luta e fez um inglês feliz. "Saturado e saciado de emoções e sensações, fui me deitar e dormi o sono dos resgatados e agradecidos", escreveu Churchill. O primeiro-ministro tinha certeza de que, com a participação americana, os aliados ganhariam a guerra. Estava certo.

Outro ponto importante nas memórias de Churchill é que ele não se preocupa apenas em falar do período restrito no qual se desenrolou o conflito, de 1939 a 1945. Para fazer sua narrativa, ele vai buscar em 1919 — logo após o fim da Primeira Guerra Mundial — as razões que levaram a Alemanha a começar a guerra na Europa. Ele mostra, por exemplo, como um país estrangulado pelo draconiano Tratado de Versalhes — criado "por soldados, e não por aristocratas" — acabou cedendo aos apelos demagógicos de um homem, que para os germânicos parecia ser sua tábua de salvação: o cabo Adolf Hitler. Navegando pelo período entre-guerras, Churchill traça um painel fiel da Europa daquela época, pintando com cores ao mesmo tempo sóbrias e dramáticas tudo o que ocorreu no Velho Continente, da subida de Hitler ao poder até a tomada de Berlim em 1945, doze anos depois.

Durante cinco anos, Churchill foi um dos grandes, ombreando com Stálin e Roosevelt e discutindo sobre a mesma mesa os destinos do mundo. No final da guerra, porém, seu prestígio começou a declinar. Na Confe-



rência de Yalta, no final da guerra, ficou em segundo plano, enquanto Stálin e Roosevelt repartiam a Europa. Não teve tempo de participar da reunião de Potsdam. Nas eleições gerais na Inglaterra, a maioria absoluta do povo britânico resolveu trocá-lo pelo trabalhista Clement Attlee, antes mesmo que a guerra na Ásia terminasse. Para esses ingleses, Winston Churchill era um bom comandante para um tempo de guerra mas não estava preparado para liderar seu país em um tempo de paz que ele mesmo ajudara a criar.

Nos anos 50, ele voltou a ser primeiro-ministro, desta vez de Elizabeth II. Ficou no cargo por quatro anos, mas sem o brilho de antigamente. Em 1954 se retirou do posto, mas não abandonou sua cadeira na Câmara dos Comuns, assistindo à maioria das sessões até pouco antes de sua morte, em 1965. Até nesse momento, inclusive, Churchill fez questão de ter as rédeas nas mãos. Como um comandante diante de sua última batalha, ele fez questão de planejar como seria seu funeral, desde as músicas que seriam tocadas até o trajeto que seu caixão percorreria. A este projeto ele deu o nome de "Operation Hope Not" — Operação Sem Esperança. Nada mais correto.